

A história que gostaria de ter ouvido do vô Pio.

Vô Pio chamava atenção por sua bondade. Homem alto, magro, sempre usando uma camiseta regata por baixo de uma camisa fechada por botões. Tudo o que eu sabia sobre seu passado, era que nascera na Itália. Para mim, criança de uma família simples, a Itália parecia ser localizada num outro planeta... um lugar que jamais conheceria.

Conforme fui crescendo, foi surgindo a curiosidade... queria saber em que cidade meu avô nasceu, como era esse lugar, que idade ele tinha quando saiu de lá, como foi essa viagem para o Brasil, que lembranças guardava de sua terra natal e quantos parentes ainda teríamos por lá.

Minhas primeiras conversas sobre o tema foram com minha mãe, mas para minha surpresa ela não sabia responder a maioria de minhas perguntas sobre o passado de seu pai, disse que não costumava conversar muito com ele sobre a imigração. Pensava que as situações difíceis passadas naquele período ou as saudades dos entes queridos que estavam na pátria natal o bloqueassem para o diálogo sobre o assunto.

Já que as conversas com minha mãe não esclareceram minhas dúvidas, busquei outras formas para que essa história me fosse contada.

Iniciei uma verdadeira investigação pois, para mim, ficar sem as respostas não era uma opção! Procurei documentos antigos, estendi minhas entrevistas com outros parentes e me aventurei a fazer buscas externas ao meio familiar: utilizei o *Family Search*, uma organização de pesquisa genealógica disponível gratuitamente na internet e pesquisei no acervo do Museu da Imigração do estado de São Paulo.

No acervo do museu da Imigração consegui descobrir que meu avô chegou ao Brasil em novembro de 1905, no navio Re Umberto. Ele e sua família partiram de Genova e desembarcaram em Santos. Vô Pio era uma criança de apenas 04 anos, um dos 7 filhos que meus bisavôs Alessandro e Eleta trouxeram da Itália.

Minha mãe havia me contado que uma parte da família que veio para o Brasil com o nono teria voltado para a Itália, mas ela não sabia dizer exatamente quem eram eles. No Family Search encontrei parentes que a vida havia distanciado e alguns que sequer sabia da existência, inclusive na Itália.

Por meio dos documentos, descobri que a cidade que meu avô nascera se chama Brendola, no Veneto. Fato muito interessante foi saber que nessa cidade também nascera Santa Bertilla, canonizada pela igreja católica em 1961, e que ela foi contemporânea de meu avô. Me apropriei da história dessa santa e até me tornei devota dela!

Assim que comecei a pesquisar sobre a cidade, surgiu uma imensa vontade de conhecê-la pessoalmente. Em 2018 fiz minha primeira viagem à Itália e não pude

deixar de inserir Brendola em meu roteiro. Ao visualizar as placas com o nome da cidade meu coração se encheu de um sentimento difícil de explicar: um misto de ansiedade, expectativa e nostalgia que, ao descer do carro de frente a Incompiuta de Brendola, se transformou em uma sensação de plenitude avassaladora que me fez transbordar em lágrimas de uma felicidade extrema. Demorei a processar e entender o porquê de tamanha emoção, mas depois de algum tempo me veio claramente uma resposta: era minha italianidade se mostrando na forma mais límpida e completa possível.

Além de visitar a cidade tive a oportunidade de conhecer alguns parentes que ainda vivem por lá! Foi uma experiência que transcendeu em muito o esperado e consolidou em minha alma a vontade de conhecer cada vez mais minhas origens e o caminho percorrido por meus ancestrais mais remotos. Percebi que meu coração começou a bater muito mais Tricolore desde então. Ali em Brendola nasceu um sentimento inexplicável, que me fez iniciar o processo de cidadania italiana. O próximo passo é dominar a língua pátria.

Adoraria que o próprio vô Pio tivesse me contado toda essa história e me levado pela mão até sua terra natal, mas quando minha curiosidade e questionamentos afloraram, ele já não estava mais entre nós.

Nesse período de buscas tive a oportunidade de me reaproximar de parentes e, principalmente, de sentir as memórias de meu nono mais vívidas que nunca: vô Pio tinha mãos gigantescas, pelo menos aos olhos de uma criança, que seguravam as peças do dominó com muita facilidade. Enquanto ele pensava na jogada que faria, contava as peças do jogo e dizia: “eco”! Ele adorava jogar dominó com os netos e eu sigo essa tradição com minha filha até hoje. Me lembro que quando ele queria rezar, escolhia usar a língua criada por Dante Alighieri. Meu avô faleceu em 1994, com 93 anos, em São Paulo.

Sinto que estou conseguindo consolidar e até transmitir a outros membros da família essa italianidade que não pude, por um motivo ou outro, ter absorvido na integralidade enquanto ainda tinha a convivência com meu avô. Sou muito grata a todo o legado que ele nos deixou.